

NAVEGANTE: OS CAMINHOS PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA ARTE/EDUCAÇÃO

NAVIGATOR: THE PATHS TO THE AESTHETIC EXPERIENCE IN ART/EDUCATION

Rafaela Pupin de Oliveira

FAAC, UNESP Bauru

Eliane Patrícia Grandini Serrano

FAAC, UNESP Bauru

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão sobre as possibilidades poéticas e educativas da experiência estética, uma forma particular de interação com objetos artísticos, tanto do ponto de vista da fruição como do fazer poético. Ambos podem ser explorados pelo arte/educador, como mediador, pesquisador e agente em processos criativos. Estes aspectos são explorados pela metáfora do navegante, o qual é conceituado como sujeito que é desafiado a criar seu próprio caminho para vivenciar a experiência. Os conceitos teóricos, o olhar poético e suas relações evidenciam a importância do “navegar” em momentos desafiantes como o de pandemia. Identifica-se o processo orgânico e subjetivo da experiência, o papel do professor-artista, a educação estética e o potencial da arte na formação do ser humano.

Palavras-chave: experiência estética; arte/educação; mediação; processo criativo.

Abstract: *This article presents a discussion on the poetic and educational possibilities of the aesthetic experience, a particular form of interaction with artistic objects, both from the point of view of fruition and poetic making. Both can be explored by the art / educator, as a mediator, researcher, and agent in creative processes. These aspects are explored by the navigator’s metaphor, who is conceptualized as a subject who is challenged to create his own way to live an experience. Theoretical concepts, the poetic look and their relationships show the importance of “navigating” in challenging moments like the pandemic. The organic and subjective process of experience, the role of the teacher-artist, aesthetic education, and the potential of art in the formation of human beings are identified.*

Keywords: *aesthetic experience; art/education; mediation; creative process.*

Introdução

Os caminhos percorridos pelo arte/educador na elaboração de propostas educativas direcionam-se, de modo geral, para a construção de conhecimentos específicos da Arte e da cultura por meio do estudo e criação de obras, imagens e objetos estéticos, bem como suas relações com questões históricas e sociais. Nestes processos de ensino-aprendizagem, aquele que realiza propostas depara-se com questões acerca do pensar e perceber o mundo de forma significativa, não apenas para os aprendizes, como também para si mesmos.

Uma das formas de se abordar as vivências educativas e artísticas é por meio da experiência estética, um conceito que considera a relação entre o sujeito e o objeto, permeados pelos sentidos, os contextos mediadores, e própria vida. A experiência, conceituada a partir do pedagogo John Dewey (2010) depende mais uma postura a ser assumida pelo sujeito, uma atitude para colocar-se em condições internas para interagir com os objetos estéticos, em detrimento de deparar-se com um arranjo de condições materiais propícias.

Em tempos em que novos desafios se apresentam, o professor é chamado a repensar seus caminhos até então traçados, recriar-se, refazer rotas em busca de processos ainda não explorados. Frente às diferentes realidades, ele depara-se com a necessidade de refletir sobre suas propostas, a qual aqui se discute à luz da experiência estética, ou seja, uma forma particular de interação entre o sujeito e os objetos artísticos, em um fluxo que leva à unidade com o meio ambiente, à construção do próprio saber inerente à vivência.

O conceito de experiência estética na arte/educação contribui para pensar sobre aprendizagem significativa, considerando primeiramente as ações que fazem sentido para si, como

sujeito que se relaciona de modo singular com a Arte, da mesma forma que evidencia o potencial transformador dos desafios que o mundo experienciado oferece. Aqui exploramos este conceito por meio da metáfora do Navegante, um personagem que se abre para um chamado, explora o mundo enquanto investiga suas próprias questões e realiza-se com um ato criador, o qual representa o sujeito da experiência estética que se envolve com a arte, em especial o arte/educador.

Coloca-se, assim, em evidência as potencialidades de lançar um novo olhar sobre as navegações dos mares da arte e da cultura, vistas como uma possibilidade válida e transformadora na aquisição de conhecimentos, ainda que em tempos de pandemia e isolamento social.

A jornada da experiência estética e por que é preciso navegar

O Navegante inicia sua jornada. Mapas abertos, os sentidos colocam-se atentos, de prontidão para dar o primeiro passo. Mas de que jornada estamos falando? Para onde ela se encaminha? Quais mapas o estariam guiando e porquê utilizá-los?

A primeira paisagem a se avistar é a da experiência estética, um conceito explorado na filosofia desde os pensadores clássicos, que investigavam a natureza da arte e do belo, e que envolve pensar, de modo geral, em três aspectos, segundo Greuel (1994): a) a obra; b) o artista e o ato de produção; c) o apreciador.

John Dewey (1859-1952) foi um dos teóricos que se dedicou a pensar a experiência no século XX, de modo especial com relação ao seu potencial no processo educativo, bem como na relação orgânica entre arte e vida. A experiência estética segundo Dewey pressupõe uma interação característica com o meio ambiente, no qual a vida se realiza e que nos oferece meios de

satisfazer nossas necessidades, mas também provoca desafios constantemente.

Por meio das tensões geradas, há a oportunidade de resolução. O indivíduo se engaja para a mudança, e em direção a um desfecho pode ter uma experiência. Isto ocorre normalmente nas situações da vida, como explica o autor, pois é como se caracteriza o mundo real, ou seja, uma combinação de rupturas, reencontros, movimento e culminação (DEWEY, 2010).

Assim, entende-se que há uma qualidade estética possível em nossa interação com o meio ambiente, mas Dewey (2010) explica que alguns fatores distinguem uma experiência singular e estética. Esta ocorre quando é vivida de forma integral e completa, para que, chegando ao seu fim, seja possível considerá-lo não uma conclusão, mas a consumação de um movimento de acumulação.

Este caráter consumatório significa que a experiência é um todo integrado (BARBOSA, 2008), pois o sujeito alcança uma harmonia interior, significando que se unificou com o meio. John Dewey (2010), então, afirma:

Uma experiência estética só pode compactar-se em um momento no sentido de um clímax de processos anteriores de longa duração se chegar em um movimento excepcional que abarque em si todas as outras coisas e o faça a ponto de todo o resto ser esquecido. O que distingue uma experiência como estética é a conversão da resistência e das tensões, de excitações que em si são tentações para a digressão, em um movimento em direção a um desfecho inclusivo e gratificante. (DEWEY, 2010, p. 139)

Isto quer dizer que, conforme o pensamento de Dewey (2010), a experiência estética é quando se atinge o auge da integração do ser com o mundo, e a arte especificamente configura-se como “a melhor prova da existência de uma

união realizada e, portanto, realizável, entre o material e o ideal” (DEWEY, 2010, p. 97), considerada como parte dos processos da vida.

A arte em produção é vista como um processo atrelado à experiência estética, à medida que o artista interage com um material físico, seja seu próprio corpo ou algo externo a si, com a intenção de criar algo para ser visto, tocado, ouvido, sentido. Aquele que produz arte está em constante observação e percepção do que realiza, estando a qualidade estética envolvida no ato criativo (DEWEY, 2010).

Dewey (2010) explica a diferença e a similaridade da experiência daquele que aprecia um objeto realizado em uma experiência: “Para perceber, o espectador ou observador tem de criar sua experiência. E a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original.” (DEWEY, 2010, p. 137) O objeto necessita ser perpassado pela emoção, e é a partir da matéria, originada na natureza, que mergulhamos nesta forma de experiência.

Nossos sentidos atuam como intermédio desta relação com o meio. Assim, para entendermos a experiência, tem-se que levar em conta os órgãos através dos quais os seres humanos participam da vida ao seu redor. Nas palavras do filósofo John Dewey (2010), os sentidos operam como “sentinelas”, que em uma experiência estética são mais do que receptores, pois é através deles que o sujeito participa ativamente, lembrando que o significado de “sentido” abrange uma variedade de conteúdos: “o sensorial, o sensacional, o sensível, o sensato e o sentimental, junto com o sensual.” (DEWEY, 2010, p. 88)

Complementar ao pensamento de John Dewey são as considerações de Jorge Larrosa (2002) sobre a experiência, o qual define esta palavra como “o que nos acontece”. O autor enfatiza o pronome “nos” para explicar que experiência não é simplesmente o que acontece, é o

que *nos* toca. Ou seja, é a possibilidade de que algo nos afete.

Larrosa (2002) retoma a origem da palavra, que vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A etimologia da palavra nos oferece uma relação interessante, a qual serviu de inspiração para criar o mundo imaginário e a narrativa desenvolvida no livro ilustrado “Navegante”. Experiência vem do latim *experiri*, que significa provar, experimentar. Do radical *periri*, também se origina a palavra *periculum*, perigo, e ainda, explica o autor: “A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem (...)” (LARROSA, 2002, p. 25).

Mostrando como esta palavra tem uma rica dimensão que carrega o sentido de uma passagem, mas também de perigo, a ideia de Larrosa (2002) permite entender as travessias protagonizadas pelos navegantes, educadores, artistas, na experiência estética como uma viagem, na qual o sujeito embarca e engaja ativamente sua percepção, rumo à consumação, ou à criação artística, como atividade que reúne todas as qualidades do processo.

Navegante: o sujeito da experiência na leitura do mundo e intervenção sobre ele

O Navegante é o ser que embarca em uma jornada em busca dos significados de estar no mundo. Mas esta jornada não começa ao acaso. Ele parte de um reconhecimento de si mesmo como um sujeito diante de um desafio particular. Da dúvida, surge a vontade; do encontro, a amplitude. “Quais as possibilidades tenho eu diante desta realidade? O que há além deste horizonte contemplado?”, indaga-se.

Larrosa (2002) diz que o sujeito da experiência é como um território de passagem, um lugar,

que por ser também superfície sensível, é onde ocorrem os acontecimentos. Para ser Navegante, é necessária uma abertura essencial, um “ex-por” a um risco e a uma vulnerabilidade, para ser tocado, afetado, para que algo, de fato, lhe aconteça. Brincando com os prefixos, Larrosa traduz a questão: “Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’.” (LARROSA, 2002, p. 25)

É por isto que John Dewey afirma que a experiência não é feita apenas por uma dimensão ativa (do acontecimento), pois tem uma dimensão passiva. Ser sujeito para experiências estéticas é estar receptivo diante do que se vivencia, e ter consciência disto (CARLESSO; TOMAZETTI, 2011). Esta passividade que tanto Dewey quanto Larrosa ressaltam caracteriza a experiência como constituidora do sujeito:

O sujeito passional (não apenas ativo e nem simplesmente passivo) sofre ou sente as consequências daquilo que se permitiu vivenciar. Na experiência, o sujeito é receptivo àquilo que é “novo”, ao *acontecimento* da experiência, nos termos de Larrosa, ou à *construção* e *reconstrução* da mesma, segundo Dewey. (CARLESSO; TOMAZETTI, 2011, p. 85)

Existe até uma figura conhecida de todos nós, que habita nosso imaginário pelas aventuras literárias e narrativas cinematográficas, e que Larrosa (2002) evoca para definir o sujeito da experiência: o pirata. Este personagem é lembrado a partir da relação com a palavra experiência. Como já vimos, a palavra tem origem no radical *periri*, que leva à raiz *per* (do grego), de onde derivam outros termos sobre travessia, passagem e viagem. Pirata (*peiratês*) também tem essa raiz, e compartilha algo a mais com os significados expostos pelo autor: “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço inde-

terminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.” (LARROSA, 2002, p. 25)

O Navegante é quase um pirata. Atravessa os mares sozinho até alcançar o momento de vulnerabilidade e transformação, a experiência estética. Foi justamente esta a imagem que inspirou a metáfora, pensando mais na sua situação de receptividade diante dos possíveis perigos que enfrentaria do que nas intenções de dominar (já que, nos dias atuais, há uma tendência de objetificação do mundo) que muitas vezes imaginamos nas histórias em que este personagem nada mais é do que um vilão.

Por isso a experiência tem algo do mundo e tem algo do ser. A travessia ocorre naquele que, em sua singularidade, está receptivo para que ocorra a passagem. É neste sentido que a experiência permite ao ser humano ver-se como um sujeito aberto, dialógico, relacional, como diz Quintás (1993).

Configurando sua personalidade, o indivíduo encara-se como criatura viva. Este termo é utilizado por John Dewey (2010) para caracterizar as condições propícias para o sujeito viver e constituir-se pelas experiências.

De acordo com as energias da natureza, as intenções de ampliar sua própria vida e a estrutura do organismo humano, fundam-se os campos de existência da arte, segundo Dewey (2010, p. 93): “A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto, no plano do significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo.”

Pelo fato da experiência existir e ser possível, tem-se a arte. A qualidade estética é encontrada pela experiência de fazer e perceber, conforme ela proporciona uma realização satisfatória (DEWEY, 2010). Mas como e quando as práticas inerentes às reflexões do trabalho do arte/edu-

cador configuram uma experiência estética e qual o potencial de vivenciá-la?

O professor como Navegante

Assim como a experiência em arte é posta em vínculo com as experiências da vida, também a educação se define, como na percepção, por atividades de reconstrução edificantes. Pontes (2015) explica que:

A educação, entendida como um fenômeno direto e particular da vida humana, é processo de reconstrução e de reorganização do conhecimento que provoca o sujeito para experiências futuras. A educação é a experiência em curso, ao mesmo tempo em que é resultado da experiência.

Com base no autor, a tarefa do educador é saber em que direção se move a experiência, percebendo as nuances do contexto que a envolve, convivendo com o desafio de conciliar o controle externo com o propósito de crescimento a partir da situação vivenciada. Isto requer também a interação com outros sujeitos de experiências.

Assim, nas buscas de sua jornada, o Navegante não está totalmente sozinho. Mesmo que as descobertas sejam pessoais, sem a existência de outros seres nada seria possível. Um mentor pode lhe ajudar a encontrar a embarcação que lhe serve e indicar os caminhos até as águas. Conhecedor dos compassos, familiar das trilhas, investigador dos mares (des)conhecidos, um mediador pode auxiliar o navegante a lidar com seus desafios e percalços.

Na Arte, pode-se pensar que mediação é aproximar o(s) sujeito(s) do objeto estético, mas há uma amplitude de situações em que ela se realiza. Martins, em parceria com Picosque (2012), afirma que a primeira mediação é aquela feita pela própria obra, entre o autor e o fruidor, fun-

damentalmente entre eles se estabelece o jogo da experiência. Além disso, mediação não envolve apenas o trabalho em espaços culturais, mas está relacionada a uma atitude do professor de Arte, que incorpora reflexões em suas ações educativas de maneira intencional e provocadora.

Atuar como mediador é valorizar, de um lado, objetos intrínsecos da teia cultural, social e histórica da humanidade, e de outro, toda a diversidade de influências existentes em cada ser, pois os viajantes sensíveis carregam suas bagagens, o que não deve ser ignorado. Por isso, Martins e Picosque (2012) entendem que mediar não é estar entre dois, mas estar entre muitos:

Um “estar entre” que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias reatualizadas. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 47)

Esta rede complexa leva ao que Kastrup et al. (2007) compreende sobre o que é a obra: não simplesmente um objeto, mas um campo de forças, as quais atravessam quem é capaz de aproximar-se delas. E assim, se define o encontro com produções artísticas: “Entrar em contato com a arte é se deixar atravessar por essas forças que nela circulam, que o objeto artístico porta, veicula ou contrai.” (KASTRUP et al., 2007, p. 42)

A Arte em sua dimensão mediadora inclui deixar-se afetar e ser afetado em experiências, compartilhá-las, ao mesmo tempo que se ampliam repertórios e conhecimentos teóricos, e isto começa pelos próprios propositores da arte/educação. Segundo Martins e Picosque (2012), professores são chamados a incorporar o papel de quem convive com a arte e sabe viver a experiência. Almeida (2009) também defende esta ideia, enquanto afirma que entre criar e ensinar muitas trocas podem ser estabelecidas em que um trabalho enriquece o outro:

A relação entre ensino e produção de arte ocorre, em primeiro lugar, nas trocas que acontecem entre uma atividade e outra. Muitas vezes, as questões, as pesquisas, a temática, os materiais e os procedimentos que os artistas-professores desenvolvem em seu trabalho pessoal são levados para a sala de aula. (ALMEIDA, 2009, p. 82)

Desta forma, o educador é capaz de promover situações significativas como pesquisador, sendo o convidado fundamental para momentos de contato com a arte antes que proponha suas ações, como uma porta que abre para o caminho do estético:

São os cinco sentidos que podem, passo a passo, abrir para nós o nosso caminho pelo estético. É pela apreensão estética, pelo modo como nosso corpo é afetado e deixa afetar que nossa sensibilidade é ativada. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 127).

O professor de arte é o protagonista desta aventura, à medida que explora territórios desconhecidos como experiências vivas e singulares. Um dos modos de acessar esta identidade é encarar-se como um escavador de sentidos, como afirma Martins e Picosque (2012), que compreende o desvelar dos sentidos dos estudantes porque parte do que toca a si mesmo. Viver com intensidade as experiências potencializa que outros seres as vivencie:

Como professores andarilhos na cultura, nutridos cotidianamente pela contemporaneidade, em estados de invenção, atentos e sensíveis aos outros que conosco vivem processos educativos, poderemos potencializar olhares outros sobre a cultura que está em nosso entorno. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 57)

Ao realizar esta caminhada, o professor é o Navegante desperto, atento, vivo, que estuda e

se questiona sobre as imagens e os conteúdos que fazem parte da sua prática. Explorando o seu próprio acervo e as obras que podem vir a fazer parte dele, os professores-pesquisadores imergem em objetos estéticos, imagens da cultura, artistas, livros, museus, reproduções e sites, de modo que tudo começa pela sua formação cultural. Isto requer estar atento ao redor, como um bom coletor. Em vista deste processo, que também é criador, o professor potencializa-se como professor-artista, ou artista-professor.

O artista-professor é uma das possibilidades do “artista-etc”, conceito definido pelo artista Ricardo Basbaum, atuante na cena artística brasileira desde os anos 80. Basbaum imagina que o papel do artista se amplifica ao questionar a natureza e a função de suas ações, e por isto não é um artista-artista (CURI, 2012). Quando definido desta forma, o artista dialoga com outras áreas e incorpora outras funções, ampliando o pensamento e o fazer artístico nos campos da cultura (VASCONCELOS, 2007).

Este híbrido de professor com artista se realiza no desenvolvimento métodos didáticos como um processo artístico, um entrelaçamento de procedimentos cujo resultado não é uma obra, nem uma aula, mas algo além, que é fruto das duas ideias. Novos significados emergem dali, tanto que as estratégias do artista-professor contemplam relações com indivíduos (para o artista, o espectador; para o professor, o aluno) que intervêm sobre o processo, de modo que o conhecimento se constrói como vivência.

Deste modo, Loyola e Pimentel (2015) afirmam que o processo de criação em Arte (no sentido de disciplina escolar) não é linear, contrário a um roteiro pré-estabelecido a ser seguido à risca. Os recursos para proposições educativas têm então, um caráter criativo, como um estímulo às possibilidades de reflexão sobre ensinar e aprender Arte nos mais variados contex-

tos e para aprendizes com diferentes bagagens.

Assim, há que se dar importância para a mediação do professor, que pode envolver-se com processos semelhantes aos dos artistas: manipular materiais, trabalhar em ateliê, revisar propostas de acordo com as necessidades, encarar o lado imprevisível da criação, envolver-se com produções poéticas e experimentações, bem como conduzir experiências na jornada do ensinar e aprender, que naturalmente também envolve trabalhos em coletivo e o diálogos reflexivos, aspectos da ação docente que podem ser incorporadas pelo artista-professor (LOYOLA; PIMENTEL, 2015). Trata-se de uma ação de expansão, conforme Martins e Picosque:

A aposta é na liberdade de professoras/professores inventando a si mesmos e seus fazeres em sala de aula, ao sabor da inocência de certo aprendizado, experimentando o traçado de seus próprios mapas de arte, desenhando lineamentos para percorrer lugares pouco explorados, sítios valorizados, buscando trilhas e clareiras junto com seus aprendizes. Ousando aprender a desaprender. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 125-126)

Isto se faz cada vez mais pertinentes nos dias atuais, dadas as complexidades impostas pela pandemia. Adentrando na ambiência criadora da invenção somos estimulados a pensar, a inventar problemas que desconcertam nossas próprias percepções e sensações, o que nos impõe a necessidade de descobrir em nós mesmos novos modos de olhar, pensar, sentir, agir. Como afirmam Martins e Picosque (2012, p. 129), “O vir-a-ser é sempre uma ação de criação.” Os caminhos do ensino-aprendizagem são um movimento processual, nunca de parada, sempre de navegar.

O protagonista tem que remar por mares que não conhece, indo em direção a algo que é novo para ele. A abertura para o desconhecido leva-o

a uma superação, à entrega que o transforma. Ao alcançar novos territórios, percebe a experiência, consome seu gesto, alcança uma forma, o artístico, que não é algo isolado, mas faz parte de todo o mundo novo. Ele atinge a culminação, fez-se por causa do processo. A partir dali o Navegante sabe que viveu uma experiência e pode viver mais, consciente de que não será mais o mesmo. Assim, segue em busca de novas descobertas.

Conclusão

Por meio desta exploração, o conceito de experiência estética, baseado no pensamento de John Dewey (2010) e Jorge Larrosa (2002), oferece os rumos para compreender que para que ocorram experiências transformadoras, há a necessidade de se criar condições favoráveis à interação produtiva e formadora entre o sujeito e o meio, o que ressalta a importância da atuação dos educadores.

A partir da experiência na educação é possível transformar-se em criaturas vivas, abertas para aprender e se relacionar de forma imaginativa e criativa com a realidade. Os sujeitos dos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, os navegantes da experiência, são representativos do potencial humano para adquirir conhecimento de forma significativa e intencional.

Por isso, a experiência passa pela compreensão da presença do sujeito fruidor e criador, definido por Larrosa (2002) como sujeito da experiência, e por Dewey (2010) como criatura viva, que precisa estar passivo e também ativo, em doses equilibradas, para que ocorra uma percepção elevada e um jogo de construção de sentidos. Tal jogo se realiza também nos processos de mediação, como também do professor-artista, que incorpora em suas práticas o investigar, o pensar, o navegar.

Com a metáfora do Navegante, expõe-se a

riqueza da interação sensível e cognitiva com o mundo, a qual guarda o potencial de aprendizado e formação como ser humano frente a diferentes desafios. Encarando a si mesmo como Navegante, o professor pode ser protagonista de uma jornada significativa pelo universo da Arte, a qual apresenta-se em uma realidade desafiadora.

A abertura é chave para navegar, uma atitude que se faz necessária para ser sensível quanto às questões do mundo, como também para refletir sobre caminhos pessoais frente a diversas realidades. São muitas as vias pelas quais se pode percorrer. Com trilhas já exploradas, rotas projetadas e mapas com um “x” marcando o destino. A alteração das possibilidades leva naturalmente o ser humano a rever os caminhos a percorrer, seja por terra ou por mar. O Navegante tem diante de si uma missão que sempre se renova: fazer sua travessia chamada experiência estética no mundo rico da aprendizagem e da criação artística.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: Razões e paixões do ofício**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino de arte no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARLESSO, Dariane; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. as condições de (im)possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: algumas aproximações. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 75-97, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2204>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

CURI, Fernanda. “Ricardo Basbaum, um artista-etc”. **Bienal**, 2012. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/551>. Acesso em: 22 de ago. 2020.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GREUEL, Marcelo da Veiga. Da "Teoria do Belo" à "Estética dos sentidos": reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller. **Anuário de Literatura**, v. 2, n. 2, p. 147-155, 1994.

KASTRUP, Virgínia; GRINSPUM, Denise; TEIXEIRA, Guilherme; GIDALI, Marika; COUTINHO, Rejane. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. In: MARTINS, Mirian Celeste; EGAS, Olga e SHULTZE, Ana Maria (org.) **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. São Paulo: Pós-graduação do Instituto de Artes/Unesp, 2007, p. 41-60.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARTINS, Mirian Celeste, DEMARCHI, Rita. Mediação cultural: entre sujeitos/corpos/experiências estéticas. **Revista Digital Arte Educação-Cultura-Formação-Comunicação-Produção**. V. 8. n. 17. julho, 2016.

LOYOLA, Geraldo F; PIMENTEL, Lúcia G. Professor-artista-professor: Reflexões Estéticas Sobre o Ensino-aprendizagem em Arte. In: Seminário da Pós-Graduação em Artes na UFMG: Pesquisas em Andamento. 1. 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: SEPOGA, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. Reflexões sobre a experiência estética na educação. **Revista GEARTE**, v. 2, n. 2, p. 203-212, ago. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

QUINTÁS, Alfonso López. **Estética**. EDIÇÃO Petrópolis: Vozes, 1993.

VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. As poéticas pedagógicas do artista-professor. In: RAMALHO, Sandra Regina; OLIVEIRA, Sandra Marcowiecky (Orgs). Encontro Nacional da ANPAP,

16, 2007, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2007. p.791-799. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/080.pdf>. Acesso em 05 de ago. 2020.

Rafaela Pupin de Oliveira

Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da UNESP de Bauru. De 2016 a 2020 foi bolsista do Programa de Iniciação Científica Pró-Talentos da Prograd - Unesp, na qual se desenvolveram pesquisas na área de arte-educação. Participou de 2016 a 2018 do Projeto de Extensão Universitária UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) - Rejuvenescendo com Arte, e de 2017 a 2018 participou do Grupo de Estudos do Polo Bauru FAAC/Unesp Arte na Escola como monitora voluntária. É professora contratada de Arte na Rede Municipal de Ensino de Fernandópolis-SP (2021). Tem interesse nas áreas de arte-educação, mediação em arte e cultura, e poéticas da ilustração.

Eliane Patrícia Grandini Serrano

Possui graduação em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990), mestrado em Projeto, Arte e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e doutorado em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é regente de dedicação integral à docência da Universidade Estadual Paulista - FAAC - Bauru. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, artes plásticas, artes visuais, educação e arte-educação.